

# PRÁTICAS DA EDUCAÇÃO CATÓLICA FEMININA NO COLÉGIO NOSSA SENHORA AUXILIADORA, EM SOUSA-PB (1960-1980)

Ana Paula Estrela

Mestranda em História pela  
Universidade Federal da  
Paraíba.

Recebido: 20/05/2022  
Aprovado: 28/06/2022

## RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar as práticas da educação católica feminina no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, na cidade de Sousa-PB, no período de 1960 a 1980, no qual o ensino era destinado apenas para meninas. Nesse sentido, buscamos pensar como eram produzidos os discursos em torno da formação da trajetória de vida e da construção das identidades de gênero a partir das vivências educacionais no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora. Essa pesquisa se baseia no referencial teórico da História Cultural, da História das Instituições escolares, articulando com as categorias de educação católica, gênero e memória, debatendo com os seguintes autores: Foucault (2014), Barros (2005), Louro (1997), Scott (1995), Dominique Julia (2001), Jane Soares (2007), Pollak (1989) e Nora (1993). A construção das identidades dessas mulheres está contida na filosofia do educandário e tem como intuito a construção de atitudes e comportamentos necessários para a disciplina confessional dos sujeitos.

## PALAVRAS-CHAVE

Educação feminina; Gênero; Memória.

## Introdução

**E**ste presente artigo tem como objetivo analisar e discutir acerca das práticas da educação católica feminina desenvolvida no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, em Sousa-PB, no período de 1960 a 1980. Buscamos investigar a influência que o modelo educacional desempenhou na trajetória de vida de suas ex-alunas e a importância dessa educação naquele contexto, no qual o ensino era voltado para formação das meninas.

A educação nos colégios confessionais visa a formação humana, cristã e de uma educação feminina dócil, regrada, voltada para profissionalização e desenvolvimento de uma condição de vida familiar e social adequadas a seu papel em sociedade. Nesse sentido, problematizamos como essa educação constituiu as identidades de gênero e a profissionalização dessas jovens, no qual muitas dessas alunas tornaram-se educadoras do próprio colégio, demonstrando que foi uma das possibilidades dessas mulheres trabalharem e serem reconhecidas nesse contexto, assim como outras alunas seguiram caminhos diversos. Pensamos como as práticas e os discursos formavam essas mulheres para a vida de docente, entendendo que era uma perspectiva de vida importante para mudança da realidade dessas mulheres e como esses discursos construíram a identidade dessas mulheres.

O Colégio Nossa Senhora Auxiliadora está situado na cidade de Sousa-PB, no qual o interesse por pesquisar a educação desse educandário se deu devido a importância da instituição para educação paraibana. O CNSA<sup>1</sup> tem uma representação significativa na educação sousense e na educação paraibana, sendo reconhecida pelos bons desempenhos em exames nacionais e pela qualidade de ensino e estrutura do espaço.

A escolha e delimitação do recorte temporal foi definido pelo contexto inicial de funcionamento do educandário na cidade de Sousa-PB, no qual trouxe uma transformação na realidade educacional, estendendo para a década de 80, período que o colégio começa a sua transformação para o ensino misto e no entanto, não iremos, por ora, discutir esse processo. A instalação do Colégio Nossa Senhora Auxiliadora teve forte influência da sociedade sousense, que desejava uma educação católica, formadora de mulheres e que apresentasse como princípios os bons costumes e valores. Nesse sentido, a cidade de Sousa-PB é marcada por essa forte religiosidade que reverberou para educação e que também permite analisarmos diante desse recorte temporal, os aspectos sociais, econômicos e culturais que permeavam a vivência dentro do educandário.

## A educação feminina desenvolvida no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora

---

1 Abreviatura do nome Colégio Nossa Senhora Auxiliadora.

As pesquisas que se dedicam à História das Instituições escolares e/ou educativas vêm se solidificando e ampliando. Nesse sentido, nosso trabalho tem o intuito de contribuir para as discussões acerca das práticas educativas dentro de um espaço escolar católico, no qual havia o ensino voltado para formação das meninas.

Segundo Dominique Julia (2001)<sup>2</sup>, a cultura escolar não pode ser estudada sem a análise das relações conflituosas ou pacíficas que ela mantém, a cada período de sua história, com o conjunto das culturas que lhe são contemporâneas: cultura religiosa, cultura política ou cultura popular. Dominique Julia<sup>3</sup> define o que é a cultura escolar:

um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização). As normas e práticas não podem ser analisadas sem se levar em conta o corpo profissional dos agentes que são chamados a obedecer a essas ordens e, portanto, a utilizar dispositivos pedagógicos encarregados de facilitar sua aplicação, a saber, os professores primários e os demais professores.

Com base nisso, Robson de Oliveira (2016)<sup>4</sup> entende que o estudo da cultura escolar enquanto campo de saber da História da Educação, constitui em um campo produtivo para o conhecimento da história das instituições escolares, pois permite compreender os aspectos singulares do cotidiano escolar.

Nesse sentido, as práticas da educação feminina no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora nos ajuda a compreender que a educação nos colégios confessionais apresentava características singulares e que segundo Samara Mendes Silva (2018)<sup>5</sup>, o silêncio e o disciplinamento das condutas são referências recorrentes para caracterização da educação oferecida nesses estabelecimentos. Ela explica que as suas práticas educativas definiram trajetórias de vida e experiências sociais, fixaram comportamentos e inculcaram concepções aos discentes e docentes.

Realizando uma contextualização breve, as instituições educacionais compartilharam a “tarefa de ensinar os códigos sociais aos que se tornariam responsáveis quer pela manutenção quer pela transformação das dinâmicas da sociedade” (SILVA, 2018, p. 119). Com isso, às instituições tiveram que proporcionar conhecimentos técnico-científicos fundamentados e preceitos diversos, sejam eles

---

2 Dominique Julia. *A cultura escolar como objeto histórico*. Revista Brasileira de História da Educação, v. 1, n. 1, p. 9-43, 2001.

3 Dominique Julia, p. 10-11, 2001.

4 Robson de Oliveira Silva et al. *Cultura escolar no Colégio Nossa Senhora do Rosário em Alagoa Grande-PB (1955-1965)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2016.

5 Samara Mendes Araújo Silva, *Ritos, rituais e rotina: educação feminina nos colégios confessionais católicos no século XX*. Educar em Revista, v. 34, n. 70, p. 117-136, jul/ago, 2018.

morais, culturais, sociais, religiosos, nos quais seriam validados pela sociedade que estavam inseridas.

Silva (2018) explica que o propósito principal da educação feminina até a primeira metade do século XX era atender a demanda por mulheres que fossem instruídas para tarefa de educar os cidadãos da nação que estavam sendo formados e mantê-las defensoras e vinculadas ao cristianismo. Assim, a discussão acerca da constituição das práticas educativas voltadas para as mulheres se faz necessário, no qual havia um discurso muito forte sobre como as meninas deveriam ser instruídas e qual seu papel na sociedade.

Segundo Jane Soares (2008)<sup>6</sup>, no século XIX e no início do século XX, havia o modelo defendido por todos os setores sociais voltado para uma condição da mulher reprodutora, que deveria dar a nação, os filhos que ajudariam a desenvolver o país, uma visão de que a mulher fosse assexuada, que tivesse o arquétipo da Virgem da religião católica e que apresentasse os comportamentos considerados característicos delas, tais como doçura, moralidade, pureza, bondade e submissão.

Na década de 1960, o movimento feminista marcou uma redefinição das relações de poder entre os sexos, no qual ocorre a mudança das mulheres envolvidas fora do espaço doméstico, tendo como consequência o ganho da autonomia, iniciando o que Jane Soares<sup>7</sup> explica como “uma reviravolta nas expectativas sociais, familiares e pessoais acerca do sexo que então estivera confinado no resguardo da domesticidade e no cumprimento das funções reprodutivas”.

Segundo Jane Soares (2008), a religião representa um ponto crucial para onde ocorre as relações de poder estabelecidas no nível simbólico e no imaginário, por haver a necessidade de explicar e atribuir sentido e significado às ações individuais e coletivas dos seres humanos. Segundo a autora, o controle da sexualidade, os arquétipos religiosos ditando normas de pureza e mansidão, normatizaram o comportamento social, em destaque para o sexo feminino.

Com isso, a religiosidade se revestia de caráter disciplinador, normatizando a consciência e estabelecendo conexões com aspectos variados da prática social, tais como a vida cotidiana, a fé, a economia, a política, a educação e as relações entre os sexos. Jane Soares (2008) apresenta que a religião sempre foi decisiva na definição de padrões comportamentais femininos, em destaque para o catolicismo com a imagem da Virgem e Mãe.

Nesse sentido, me proponho a debater as questões entre gênero, educação e religião, como também o acréscimo de raça, classe e sexualidade são importantes para as discussões que o ensino desenvolvido no educandário possibilitou para formação e transformação dessas ex-alunas.

Assim, o trabalho de Ana Maria Veiga (2020)<sup>8</sup> discute acerca do que é o conceito de interseccionalidade, no qual este teve uma ascensão no debate travado pelo feminismo negro

---

6 Jane Soares de Almeida, Mulheres, educação e religião: as interfaces do poder numa perspectiva histórica. *Mandrágora*, v. 13, n. 13, p. 52-63, 2007.

Jane Soares de Almeida, *Mulher e educação: a paixão pelo possível*. Editora Unesp Fundação, 1998.

7 Jane Soares de Almeida, p. 220, 2007.

8 Ana Maria Veiga, Uma virada epistêmica feminista (negra): conceitos e debates. *Revista Tempo e Argumento*, v. 12, n. 29, p. e0101-e0101, 2020.

acadêmico e que mostra que a opressão social não anda sozinha, buscando força e aliados em elementos específicos que demarcam diferenças. Os cruzamentos dos marcadores de diferença como gênero, sexualidade, raça, classe, geração, capacitismo atuam sobre a vida e nas experiências das pessoas, em especial de mulheres negras

O conceito de interseccionalidade permite a análise interacional dos diferentes marcadores de diferença nas histórias, nas experiências e nas trajetórias de vida de uma pessoa, seja ela homem ou mulher. Este teve uma ascensão no debate travado pelo feminismo negro acadêmico e que mostra que a opressão social não anda sozinha, buscando força e aliados em elementos específicos que demarcam diferenças.

Os cruzamentos dos marcadores de diferença como gênero, sexualidade, raça, classe, geração, capacitismo atuam sobre a vida e nas experiências das pessoas, em especial de mulheres negras. O contexto histórico do conceito é de meados dos anos 1960, desenvolvido na história do movimento negro e do feminismo negro, que já vinham dando sinais antes do fim da escravidão no continente americano.

A princípio identificamos que o colégio é formado por uma pluralidade de meninas. Em destaque temos aquelas que possuem uma boa condição financeira, como por exemplo, as filhas da elite sousense e da região e também as alunas bolsistas, que conseguiam por meio de prova de admissão, conhecimento com as irmãs religiosas gestoras do espaço e outros meios. Apresenta-se aquelas alunas que eram brancas e aquelas possíveis alunas negras; havia também diferenças quanto a localidade das mesmas, pois encontrava as que eram naturais de Sousa e muitas discentes que vinham da região para estudarem nesse espaço. A modalidade de ensino era diferente, no qual havia no colégio a formação para docência, a formação no ensino fundamental, o internato e o externato. Com isso, percebemos a diversidade das jovens, apresentando suas especificidades e que permitem ter um entendimento da realidade social e econômica de cada uma.

A sexualidade é um marcador de diferença que permite uma análise, pois entendemos que a questão do cuidado com o corpo, com a rigidez das regras, a influência para o casamento, o pudor, a virgem Maria como exemplo de recato e de virgindade estão relacionadas e possibilitaram uma interação com os outros marcadores de diferença.

A discussão de gênero analisa os diferentes papéis sociais que eram atribuídas as meninas na formação educacional e a discussão sobre a feminização do magistério, no qual discutia-se que era a profissão ideal para elas, pois tinha relação com a maternidade e o matrimônio. Porém, era uma profissionalização que permitia uma liberdade financeira, uma mudança social e um objetivo de realização dos seus sonhos.

As discussões de classe são percebidas pelas diferenças de condições. As meninas bolsistas não tinham condições de pagar as mensalidades, então algumas questões podem ser feitas, como por exemplo, discutir se havia uma possível distinção ou diferenciação no cotidiano escolar entre as bolsistas e as demais. Podemos questionar acerca das dificuldades existentes diante daquelas alunas das cidades vizinhas que vinham para Sousa e entender como era a situação de transporte e de

vivência para estudar. Outras questões são base para as futuras entrevistas que serão realizadas e que com os depoimentos delas nos permitirão identificar essas inquietações.

As discussões de raça possibilitam entender debater aspectos como a identificação ou não de alunas negras no colégio; em caso afirmativo, buscar identificar através dos depoimentos se havia situações de discriminação com relação a elas. Nesse sentido, acreditamos que havia um número bem reduzido de alunas negras, por ser um educandário voltado para um público em específico, um espaço privado e religioso. Outra inquietação que me veio diante das discussões foi sobre as professoras, no qual questionar as gestoras se existiam as professoras negras atuando no CNSA e pensar diante disso, quem eram as mulheres de cor que trabalhavam no educandário.

Brighente e Mesquida (2011)<sup>9</sup> discutem que o objetivo da disciplina como instrumento do poder disciplinar é docilizar o indivíduo, fabricando-o e assim produzindo mais, com o intuito de gerar mais lucros. Foucault (2010)<sup>10</sup> define que a disciplina é uma técnica de poder que desenvolve a partir de uma vigilância constante dos indivíduos.

Nesse sentido, a disciplina busca fabricar corpos úteis, através de técnicas específicas. Segundo Brighente e Mesquida<sup>11</sup>, a escola utiliza os mecanismos disciplinares para disciplinar os corpos dos educandos e isso ocorre “por meio dos recursos educacionais que têm como finalidade tornar as crianças e os jovens obedientes, dóceis, produtivos e aptos para o trabalho”.

Foucault analisa que um dos instrumentos do poder disciplinar é a sanção normalizadora, no qual existe através de pequenas punições como atrasos, desatenção, desobediência, atitudes incorretas, indecência, entre outros exemplos. No cotidiano do colégio havia regras e normas quanto a vestimenta, o cuidado com o comportamento das moças e principalmente com as alunas internas, apresentando um regimento diferente das outras alunas.

Com os depoimentos das ex-alunas identificamos que as atividades desenvolvidas no colégio e a educação formal estava direcionada para estas discussões acima mencionadas. As estudantes lembravam que havia muitas normas a serem seguidas e que eram cobradas em vários momentos para serem seguidas. Porém, havia práticas de burlas dessas normas que expressam que essas jovens mesmo vivenciando um cotidiano de disciplinarização dos seus corpos e comportamentos, elas através de suas transgressões desenvolviam atitudes consideradas inconsequentes e erradas, muitas vezes deixando evidente suas insatisfações.

Portanto, realizamos uma discussão para além dos conteúdos curriculares nesse colégio católico, analisando também as atividades diversas na rotina das alunas, perpassando pelos seus ritos de formação intelectual, moral, religiosa, de caráter e contudo. Para Silva (2018), a execução dessas práticas educativas desenvolver marcas na formação e nas memórias dos que vivenciaram ou daqueles que presenciaram.

---

9 Miriam Furlan Brighente; Peri Mesquida. *Michel Foucault: corpos dóceis e disciplinados nas instituições escolares*. I Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação. Curitiba, PUC-PR, 2011.

10 Michel Foucault, *Vigiar e punir: O nascimento das prisões*. 42. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

11 Brighente e Mesquida, p.2395, 2011.

## CNSA: construindo a história e a memória de um educandário religioso

A investigação da pesquisa ocorreu através de uma opção metodológica que beneficie a continuidade e a busca por resultados. Nesse sentido, destacamos que o estudo das trajetórias de vida dessas mulheres foi um ponto crucial para se compreender as práticas educativas desenvolvidas no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora.

Nesse percurso de análise e construção da memória da educação feminina, a utilização da História Oral como método investigativo de pesquisa se fez necessária, pois com os depoimentos anteriormente coletados que foram produzidos através de roteiro previamente elaborado e da interação entre o depoente e o entrevistador, ocorrendo alterações e respeitando a sequência memorialística das depoentes, permitiram a compreensão dos aspectos singulares da prática educativa no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora. Nesses depoimentos consideramos seus silêncios, ditos e não ditos.

Xavier (2020)<sup>12</sup> define que a História Oral “trata-se de testemunhos de seres vivos que ao serem interpelados discorrem narrativamente o que sabem sobre certos acontecimentos, pessoas, locais, instituições, governanças e sobre tantos outros assuntos” (p. 5). Essa metodologia é importante para analisarmos as trajetórias de vida individuais e coletivas dessas mulheres e servem para compreensão da educação nesse espaço. Segundo Xavier<sup>13</sup>:

A metodologia do emprego da história oral toma as entrevistas como fontes visando compreender os acontecimentos passados, os quais são interpretados ao lado de outras fontes. As entrevistas são direcionadas e estimuladas aos participantes através de interrogações sobre o objeto investigado dentro de certo contexto. Às narrativas dos entrevistados/as são juntados documentos biográficos, autobiográficos e memórias diversas na tentativa de compreensão concreta do vivido, experimentado.

Michael Pollak (1989)<sup>14</sup>, contextualiza que a História Oral ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias ressaltou a importância de memórias subterrâneas que se opõem à dita como Memória oficial. As memórias subterrâneas possibilitam um trabalho de subversão no silêncio.

---

12 Antônio Roberto Xavier et al. História oral: abordagem teórico-metodológica, conceitual e contextual. *Práticas Educativas, Memórias e Oralidades-Rev. Pemo*, v. 2, n. 1, 2020.

13 Antônio Roberto Xavier, p. 11, 2020.

14 Michael Pollak, Memória, esquecimento, silêncio. *Revista estudos históricos*, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

Alessandro Portelli (1997) analisa que as fontes escritas e as fontes orais não são mutuamente excludentes, pois elas têm em comum características autônomas e funções específicas que somente uma outra pode preencher. Assim, elas requerem instrumentos interpretativos diferentes e específicos.

Este autor auxilia para compreensão da constituição da realização das fontes orais, com a realização das entrevistas, o procedimento das transcrições, a importância de se compreender as pausas, as colocações corretas das pontuações, mas também percebemos que essas transcrições não descrevem de forma detalhista os depoimentos, pois as sensações, as emoções e os comportamentos são difíceis de serem captados pela escrita.

Portelli (1997)<sup>15</sup> ressalta que as fontes orais são condição necessária para a história das classes não hegemônicas e nesta pesquisa que venho realizando mostra a história da educação de meninas que estudaram em um espaço de ensino católico e que realizava todo um cuidado e rigor com sua educação, baseado nos princípios religiosos e no reflexo da sociedade desse contexto.

Analisando o trabalho com a história de vida de pessoas, o autor Antônio Xavier (2020) explica que o mesmo ocorre através de um relato pessoal contado de si, de forma oral, no qual os depoentes expressam suas trajetórias, as experiências e recordações dos momentos vivenciados. Nesse sentido, essas histórias serão analisadas para identificarmos e problematizarmos as práticas educativas vivenciadas e as influências perpassadas e constituídas enquanto mulheres, estudantes e religiosas.

Segundo Claudia Born (2001)<sup>16</sup>, a definição de trajetória de vida consiste num conjunto de eventos que fundamentam a vida de uma pessoa, sendo determinada pela frequência dos acontecimentos, pela duração e localização dessas existências ao longo de uma vida. Para esta autora, a trajetória de vida não está isenta da questão de gênero e isto ocorre devido as diferenças específicas de gênero relativas à mudança de status entre a atividade doméstica e o emprego, entre homens e mulheres.

A memória das ex-alunas apresentam-se permeada por gratidão aos anos de estudos e de formação no pedagógico, em que essas mulheres compreendem que a formação recebida permitiu a realização de sua profissionalização e conseqüentemente a mudança nas suas trajetórias de vida. A profissionalização dessas mulheres foi entendida para elas como forma de realização dos seus sonhos, de quebra da realidade social das mulheres, destinadas a vida familiar e ao matrimônio.

Utilizando do conceito de lugares de memória proposto por Nora<sup>17</sup>, entendemos que o educandário é um lugar de produção de memórias coletivas, de vivências, no qual “os lugares de memórias só vivem de sua aptidão para a metamorfose, no incessante ressaltar de seus significados e no silvado imprevisível de suas ramificações”.

Contextualizando acerca das problemáticas sobre a história e a memória, Pierre Nora (1993)<sup>18</sup>,

---

15 Alessandro Portelli et al. O que faz a história oral diferente. *Projeto História: Revista do Programa de estudos pós-graduados de História*, v. 14, 1997.

16 Claudia Born, *Gênero, trajetória de vida e biografia: desafios metodológicos e resultados empíricos*. *Sociologias*, n. 5, p. 240-265, 2001.

17 Pierre Nora, p. 22, 1993.

18 Pierre Nora, et al. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História: Revista do Programa*



elucida que a memória é a vida, carregada por grupos vivos e está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações. A história, segundo este autor, é a reconstrução problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno atual, um elo vivido no eterno presente e a história uma representação do passado.

Pollak (1989) define que a memória é a operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, no qual se integra em tentativas conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanho diferentes. Ele problematiza que a referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irreduzíveis. Para Pierre Nora (1993), a história é uma operação intelectual e laicizante, no qual demanda análise e discurso crítico.

Pollak (1989) explica que o longo silêncio sobre o passado não conduziu ao esquecimento, pois houve a resistência de uma sociedade civil que se opôs ao excesso de discursos oficiais e que transmitiu as lembranças dissidentes nas redes familiares e de amizades. O silêncio que estamos discutindo diz respeito às mulheres, que por muito tempo não tinha direito a expressar suas opiniões, a terem suas histórias contadas pelos registros oficiais e como consequência não foram vistas como sujeitos históricos. A quebra desse silêncio veio através de lutas, manifestações, resistências e subversão.

Analisamos as resistências que as discentes praticaram diante de um ensino e de uma sociedade que provocava um silenciamento para as mesmas. Com esses depoimentos, verificamos que as práticas da disciplina não era garantia de seguimento e que havia os mecanismos de resistências.

As intenções dessa pesquisa está em desenvolver um aprofundamento da análise sobre a história do CNSA, contribuir para discussões acadêmica acerca da formação feminina num espaço educacional religioso e do papel que este ensino proporcionou para vida dessas mulheres. As fontes que foram selecionadas para realização da pesquisa permitiram compreender os aspectos relacionados a pedagogia da instituição, a produção disciplinar e as táticas de resistência.

Portanto, a constituição das identidades acontece pela construção dos significados que as práticas das instituições oferecem quando estamos vinculadas as mesmas. Com isso, questionamos a singularidade da educação no colégio sousense e sua influência para constituição das identidades feminina.

## Considerações finais

O Colégio Nossa Senhora Auxiliadora está presente no imaginário simbólico dos sousenses,

---

*de Estudos Pós-Graduados de História*, São Paulo, v. 10, dez, 1993.

sendo um colégio apresenta um histórico de possuir uma orientação religiosa. Os aspectos do ensino confessional apresentam elementos importantes para construção identitária de seus membros e essas abordagens são significativas para historicização dos aspectos culturais da instituição escolar citada.

O Colégio Nossa Senhora Auxiliadora era destinado para as filhas da elite souse, fazendo parte de um conjunto de narrativas sociais que criaram um ambiente simbólico e representativo nos atores escolares, identificando que havia o processo de estratificação social (desigualdades sociais), conferindo às alunas um destaque enquanto mulheres bem instruídas e com formação profissional.

As construções das identidades dessas mulheres estão contidas na filosofia do educandário e tem como intuito a construção de atitudes e comportamentos necessários para a disciplina confessional dos sujeitos. Nesse sentido, analisamos os significados, os modos de pensar e agir, os valores, comportamentos e a estrutura de funcionamento do espaço.

A produção disciplinar, os símbolos e os ritos se intercalam com as práticas escolares, onde o espaço vivido se transforma em um lugar, o ponto de partida para as memórias que perpassam o cotidiano escolar. O CNSA tem sua importância na vivência e nos lugares de ver o feminino.

Nesse sentido, as práticas educativas refletem sobre o que se educa, ou seja, são os discursos da sociedade, da religião, da família formando e produzindo uma subjetivação para os corpos dessas mulheres. Através dessas práticas educativas e disciplinares percebemos como elas consumiram esta formação e como elas levaram esses vários lugares de fala para construção das identidades delas.

Através das fontes documentais e das fontes orais, analisamos os aspectos das práticas educativas realizadas por meio de atividades diversas, tais como a rotina de orações diárias, as atividades culturais, o grêmio estudantil, a formação humana, a discussão da imagem da Madre Aurélio como referência de mulher, de recato e de obediência aos preceitos religiosos, analisamos também o cuidado com as regras e o cumprimento com o fardamento, o respeito, o temor que as jovens tinham com a irmã da disciplina, no qual isso foi percebido pelos depoimentos realizados anteriormente ao longo da graduação.

A discussão das memórias dessas mulheres foi fator importante para construção desse trabalho, pois concluímos que muitas dessas memórias são interpretadas como positivas, com bastante saudosismo e afetividade para algumas, porém, percebe-se que para outras estudantes não haviam essa unanimidade.

Portanto, a História Oral nos possibilita trabalhar com a subjetividade, os discursos e as trajetórias, preocupando-se com essas vivências, pensando nas produções de verdades que essas pessoas estavam envolvidas construíram para elas.